

A CONCEPÇÃO DE LITERATURA INFANTIL NA DÉCADA DE 50: UM OLHAR PARA A REVISTA DO ENSINO DO RIO GRANDE DO SUL

SILVEIRA, R. L. S.¹, RÊGO, Z. L. G. P.², BICA, A. C.³

¹ Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) – Bagé – RS – Brasil – raissasilveira.aluno@unipampa.edu.br

² Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) – Bagé – RS – Brasil – zilarego@unipampa.edu.br

³ Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) – Bagé – RS – Brasil – alessandrobica@unipampa.edu.br

RESUMO

Este trabalho aborda questões referentes às concepções de literatura infantil cultivadas em impressos pedagógicos na década de 50 no Estado. O corpus de análise são duas edições da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul e recorte temporal das edições de setembro de 1953 e março de 1954, uma vez que este era o documento de comunicação oficial e significativo da época, destinado aos professores do ensino primário. Os fundamentos teóricos desta pesquisa envolvem estudos da sociologia da leitura, com Chartier (1996), Bretas (2013) e Gonçalves (2013) e da história da educação, com Tambara, Quadros e Bastos (2007), Romanelli (1993). A análise dos dados considerou a ideia de infância, a concepção de leitura literária e o tipo de abordagem sugerida à literatura infantil nas duas revistas como um todo, mas, em especial, nas seções “Biblioteca Escolar Infantil” e “Contos para seus alunos”. Para a análise dos dados, adotou-se o Paradigma Indiciário de Ginzburg (1989), centrado em resquícios, pistas, indícios e sinais que concedem uma concepção de literatura infantil na Revista do Ensino. Os resultados obtidos revelam a preocupação em relação à formação da bibliotecária, à utilidade dos livros e o vínculo do gênero literário com a escolarização, bem como a busca por uma biblioteca receptiva onde as crianças se sentissem atraídas, ou seja, um espaço acolhedor. Por fim, conclui-se, a partir das pequenas inserções referentes à leitura e à literatura, o periódico demonstrava o interesse em propiciar o acesso aos livros pelas crianças, embora tendo sempre o caráter controlador.

Palavras-chave: Literatura Infantil, Leitura, Revista do Ensino.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho faz parte da pesquisa “Educação, História e Políticas na região de abrangência da Universidade Federal do Pampa” e com ele busca-se fazer uma análise sobre as concepções que envolviam a Literatura Infantil na década de 50 a partir de sua inserção na Revista do Ensino do Rio Grande do Sul. O *corpus* que embasou a etapa de investigação consiste em dois exemplares do periódico, que circularam nos meses de setembro de 1953 e março de 1954, disponíveis no site do Repositório Digital Tatu¹.

¹ Disponível em: <http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/>

Esse trabalho justifica-se a partir da importância da Literatura Infantil e do processo de leitura desencadeado pela escola e o quanto eles fornecem ferramentas que contribuem para o desenvolvimento físico, psicológico, cognitivo e social do indivíduo, nesse caso, a criança. Sendo assim, surge o interesse em analisar como o gênero literário era visto e compreendido no periódico, uma vez que este consistia em um instrumento de comunicação entre a gestão do ensino e os professores significativo e oficial da época.

Dessa forma, para a análise são considerando aspectos da Sociologia da Leitura com Chartier (1996), Bretas (2013) e Gonçalves (2013) e da História da Educação com Tambara, Bastos e Quadros (2007) e Romanelli (1993), uma vez que o contexto histórico-social da década de 50 confirma as produções literárias reproduzidas na Revista.

2 METODOLOGIA

Antes de especificar a metodologia deste trabalho, por se tratar de uma pesquisa também assentada no campo da História da Educação, faz-se necessário resgatar alguns aspectos em relação ao contexto-histórico da época, a década de 50. E, ainda, abordar questões referentes à Sociologia da Leitura refletindo, a partir de então, as concepções adotadas pela Revista do Ensino do Rio Grande do Sul.

Devido ao contexto histórico, político, social e econômico ter sofrido intensas mudanças desde a década de 30, a educação, conseqüentemente, assume um papel de prestígio. Neste âmbito, o ensino primário passa a ser visto como peça fundamental e, então, a Secretaria de Educação e Saúde Pública do RS (SESP/RS) começa a investir no sistema educacional, primeiramente com a criação do Centro de Pesquisas e Orientações Educacionais do Rio Grande do Sul (CPOE/RS), e em seguida, com a Revista do Ensino do Rio Grande do Sul.

Assim, conforme afirma Bastos (2002):

Vinculada à Secretaria de Educação e Saúde Pública, desde setembro de 1939, a revista procurava ser para o seu público leitor - magistério rio-grandense - um veículo das orientações didático-pedagógicas, da legislação do ensino, de notícias educacionais, em suma, da política educacional. Durante os anos de sua publicação constituiu-se num significativo instrumento da doutrina pedagógica oficial; tribuna para diferentes especialistas, que expuseram seus pensamentos, refletindo o movimento de ideias, em nível regional e nacional (BASTOS, 2002, p.50).

Valendo-se deste contexto, surge o olhar para o impresso e, especificamente atentando às questões de leitura e literatura infantil a partir da Sociologia da Leitura, preocupando-se com quem lê, o que lê, porque lê e como lê (GONÇALVES, 2003). Nesta conjuntura, analisa-se como as interferências, relacionadas às estruturas sociais e ideológicas, ou seja, aos fatores externos, interferem na produção e recepção da obra expressa, nesse caso, o impresso pedagógico.

Por fim, para a análise dos dados e como metodologia, adotou-se o Paradigma Indiciário de Ginzburg (1989), centrado em resquícios, pistas, indícios e sinais que sugerem uma concepção de literatura infantil presente no documento, que serviu como fonte base para a investigação, como realmente pistas para a construção da pesquisa. As categorias de análise consideram a idéia de infância, a concepção de leitura literária e o tipo de literatura concebida na revista como um

todo, mas, em especial, nas seções “Biblioteca Escolar Infantil” e “Biblioteca para seus alunos”.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após analisar os periódicos, foi possível compreender que, em comum, há a preocupação em conceder o acesso à leitura, porém, de forma controlada e tendo o viés da escolarização. Especificamente no periódico de março de 1953, existem medidas para a criação da Biblioteca Escolar Infantil, com caráter inovador, a fim de que o espaço não seja apenas “um aglomerado de livros”. Por outro lado, encontra-se a ponderação em trazer material “útil”, reforçando a concepção de leitura utilitária.

Retratos sobre autoridades, paisagens reais, “páginas coloridas”, eram meios de prender a atenção de quem estava frequentando o mais novo espaço. Estas características eram atribuídas à necessidade de despertar a imaginação e a fantasia no público-leitor.

Ainda quanto à criação da biblioteca, o periódico adotava a metáfora “jardim com flores”, para referir-se ao espaço, justificando esse codinome devido ao desejo de que “os pequenos” se sentissem ao ver aquela sala “colorida”, repleta de livros, que lhes mostravam bonecas, animais e tudo que os agradava.

À frente de sua época e, como um aspecto positivo, a Revista tinha a preocupação de fornecer um lugar que propiciasse a “incitação ao conhecimento próprio”, embora a moral e a necessidade de reverenciar à Pátria estivessem sempre presentes.

Nessa mesma linha, chama a atenção que, durante algumas seções do periódico, são apontados em relação à leitura, aspectos referentes ao desenvolvimento da criança, tais como *maturidade intelectual, emocional, de experiência, visual-motora, auditiva* e de *linguagem*. Porém, nenhuma dessas habilidades apareciam vinculadas ao conteúdo das obras de literatura infantil, mas como desdobramentos da leitura por ela mesma, o que revela uma concepção limitada da relação leitor-obra.

Por outro lado, o impresso pedagógico demonstrava preocupação com a formação da bibliotecária, para que esta soubesse orientar corretamente as crianças quanto aos livros e revistas que, por elas, seriam escolhidas. De certa forma, a busca por esta qualificação do mediador é positiva e muito atual, porém, as formações destinadas à “cuidadora” do “jardim de flores” também tinham cunho moral-civilizatório, justificado mais uma vez, pela conjuntura social da época.

Quanto à ideia de infância, é possível perceber, inclusive nas imagens das contra-capas das revistas, a ideia de que a infância era ampla e diversa, ou seja, as crianças estavam “crescendo” a cada edição/mês. Ainda é possível perceber, conforme as imagens, que elas tinham “liberdade” para brincar, surgindo sempre muito leves e felizes. No entanto, embora não exista separação quanto ao gênero nessas representações, na parte da biblioteca escolar, havia mesas específicas para meninos e meninas e, conforme pode-se observar, era um ambiente bem definido quanto a estas divisões.

Por fim, faz-se necessário considerar dois últimos aspectos, a menção ao termo “Literatura Infantil”, na edição de março de 1954, e a presença de contos e poemas nas duas edições da Revista. Aqui, cabe salientar, quanto a esta última consideração, que os textos não apareciam apenas na seção “Conto para seus

Alunos”, mas também, nas poesias do mês. Embora a seleção desses contos não considerasse o valor literário e, sim, civilizatório e moral, há mais uma vez, sem dúvidas, a preocupação de valorizar a leitura em diferentes seções do periódico.

4 CONCLUSÃO

Diante do exposto é possível concluir que a Revista do Ensino do Rio Grande do Sul, trazia uma ideia de infância, de leitura literária e de literatura infantil bem delineada, demonstrando preocupações a todo momento em trazer nas suas seções assuntos com caráter moralista e/ou formador. Ser criança era ser aprendiz de normas, mas também, consumidor de uma leitura em um espaço agradável e motivador. O periódico revelava sua preocupação com o leitor e adotava, em alguns momentos, o hábito da leitura como vínculo para a escolarização, equilibrando, então, o controle com o acesso, justificados pelo seu contexto histórico, a década de 50. A literatura infantil era, por si só, veículo de formação e de diversão. Finalmente, ainda adotava o compromisso com a formação da bibliotecária, a fim de que a mesma soubesse orientar os frequentadores do espaço, auxiliando-os na escolha de seus livros e revistas.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Maria Helena Camara. **As Revistas Pedagógicas e a Atualização do Professor: A Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1951-1992)**. In: CATANI, Denice Bárbara; BASTOS, Maria Helena C. (orgs.). Educação em Revista: a imprensa periódica e a história da educação. São Paulo: Escrituras, 2002. p.173-187

BRETAS, Maria Luíza Batista. **Cinco diálogos sobre o livro e a leitura** entrevistas com especialistas franceses. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2013. p. 45-52

CHARTIER, Roger. **A Leitura: uma prática cultural**. In: CHARTIER, Roger (Org). Práticas de Leitura. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. 231-252

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais** Morfologia e história. São Paulo: Schawarcz, 1989.

GONÇALVES, Maria de Lourdes Bacicheti. Sociologia da Leitura - Uma abordagem teórica em busca do público leitor. Disponível em:

<<<http://revista.famma.br/unifamma/index.php/RevUNIFAMMA/article/view/10/7>>>

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **A organização do Ensino e o Contexto Sócio-Político após 1930**. In: ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. História da Educação no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1993. p. 127-187

TAMBARA, Elomar Calegare; QUADROS, Claudemir de; BASTOS, Maria Helena Camara. **A Educação (1930-85)**. In: BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau. (orgs). República - Da Revolução de 1930 à Ditadura Militar (1930 - 1985). Passo Fundo, Méritos, 2007. p. 315-330